

FAMÍLIA 2.0: VIVÊNCIAS LABORAIS MILITANTES AFETIVAS E REDES DE PERTENCIMENTO

André Peralta Grillo
grillo_andre@hotmail.com
UFJF
Mestre

Este trabalho tem por objeto as novas vivências de reciprocidade e identidade em redes militante afetivo laborais, tomando como caso a rede “Circuito Fora do Eixo”. Para tanto, parto da análise das implicações e potencialidades (levando em conta as problemáticas e prejuízos) das mutações contemporâneas (tendências) no mundo do trabalho, e a reapropriação hermenêutica da “teoria da dádiva” como paradigma para o estudo do tecer destas redes.

Palavras-Chave: Redes militante afetivo laborais; teoria da dádiva; Circuito Fora do Eixo

O artigo explora as novas possibilidades de pertencimento coletivo como contraponto à instabilidade profissional e existencial contemporânea. As mudanças no mundo do trabalho (no capitalismo como um todo) observadas globalmente nas últimas décadas (valorização da mobilidade, da flexibilidade, do pleno envolvimento do ser, por um lado, e aumento da instabilidade, da insegurança e da precariedade, por outro) propiciam o surgimento de novas formas de coletividade baseadas em redes laborais e militantes de solidariedade, de trabalho e de vida (e da indistinção de ambas). Redes e coletivos, ao fortalecer os elos afetivos, a reciprocidade e a dádiva, podem sedimentar a identidade e o pertencimento, e mesmo a auto-compreensão como uma família, que fortalece a inserção no mundo e propicia segurança existencial, emotiva e profissional, ante um mundo fluído, em frenético movimento, funcionando como uma rede de proteção e estímulo. Após caracterizar as mudanças (tendências) no mundo do trabalho, apresento, a partir da teoria da dádiva de Mauss, algumas potencialidades das novas redes afetivas e laborais, para além do mero fortalecimento do capital social e estruturando relações fortes de pertencimento, tendo por base estudo sobre a rede de militância laboral “Circuito Fora do Eixo”, a partir de vivência etnográfica e netnográfica.

I

Atualmente é difícil negar que há uma mudança substantiva na vida, na sociabilidade e no trabalho contemporâneo. Novas tecnologias de informação e comunicação, ciberespaço, cibercultura, tecnologias em rede, organizações sócio-políticas e empresariais em rede, avanço na automação, ampliação do setor de serviços, diminuição proporcional da fatia do trabalhador industrial, flexibilização de hierarquias e de leis trabalhistas, luta por reconhecimento de minorias e/ou grupos marginalizados, desvelamento de novos modelos e dinâmicas de família e parentesco, todos estes são elementos da mesma trama e do mesmo processo.

Em outros artigos recentes (GRILLO 2014a, 2014b) me debrucei sobre estas mudanças, com ênfase nas mutações no mundo do trabalho, nas implicações sociais e culturais das novas tecnologias, na relação destas com os novos movimentos sociais, e de todas estas esferas com a produção cultural contemporânea. A partir do mesmo pano de fundo teórico, exploro aqui algo ao qual ainda não me detive, os novos modelos de família imbricados à nova sociabilidade no trabalho, dando ênfase em uma teoria à qual trabalhei apenas de passagem, a teoria da dádiva.

As mudanças mencionadas acima são muito claras. Silvio Camargo (2011) faz uma ampla revisão bibliográfica sobre autores e correntes que tematizam essas transformações. Seja com exaltação e otimismo, vendo um mundo de novas possibilidades e um novo estágio do desenvolvimento humano (como em Manuel Castells (1999) e, acrescentaria eu, Pierre Lévy (1999), além da corrente do chamado “capitalismo cognitivo” que se desenvolve a partir da obra de Antonio Negri (NEGRI e HARDT, 2001), passando por Maurizio Lazzarato (2006) e chegando, no Brasil, a Giuseppe Cocco (NEGRI e COCCO, 2005)), seja com certa preocupação e pessimismo, vendo um recrudescimento e aperfeiçoamento do modo capitalista de exploração e exercício de poder, como na corrente do chamado “capitalismo tardio”, na qual se inserem o primeiro Habermas e o próprio Camargo. Existem nuances entre os extremos, como na obra de Richard Sennet (2008, 2012). Comum a quase todos esses autores e correntes, segundo Camargo, seria sua gravitação em torno do conceito de “Trabalho Imaterial”.

A talvez principal e mais conhecida referência a este conceito está na obra homônima de André Gorz (2005). Esta obra tardia apresenta, segundo Camargo (2011) uma revisão de algumas de suas posições, podendo ser chamada, segundo ele, de uma terceira fase de seu pensamento. Em meu entender, há uma evolução clara no pensamento de Gorz (1987, 2005, 2007), uma complementaridade e sim, talvez, certa radicalização de alguns pontos. Após algumas décadas se dedicando ao estudo do sindicalismo e trabalhismo, um momento dedicado à ecologia política, Gorz adentra em uma discussão polêmica ao afirmar um “adeus ao proletariado” (1987) como classe perigosa e potencialmente revolucionária, desde aquele momento apresentando um olhar arguto sobre as transformações em curso. Para não me estender aqui, irei destacar, a partir de Gorz (2005), três dimensões implicadas na ascensão do trabalho imaterial.

A primeira se refere a impossibilidade, sob a lógica do trabalho imaterial, de se mensurar o tempo de trabalho dispendido na produção de uma mercadoria qualquer (mesmo em termos de valor social médio, ou trabalho social), já que o que há de simbólico, imaterial, se torna o elemento determinante do valor (como em uma marca de calçados, por ex.), aí incluídos a preponderância do marketing, do branding, da propaganda, do design, etc.

A segunda se refere a organização do processo produtivo, com a flexibilização de hierarquias, horários, leis trabalhistas, maior autonomia e incentivo à participação e criatividade dos trabalhadores, controle por metas, etc.

A terceira, e é esta que me interessa mais diretamente aqui, trata do novo perfil do trabalhador exigido e valorizado pelo “novo” mundo do trabalho. Passa a se valorizar mais o saber, advindo da experiência, do cotidiano, da bagagem cultural, das atividades sociais e lúdicas que estimulam as habilidades de comunicação e cooperação, ante o conhecimento, objetivo, formal, transferível e atestado por diplomas.

No intuito de me aprofundar no entendimento destas mudanças, tenho apresentado (GRILLO 2014a, 2014b) dois elementos como os mais relevantes (dentro do meu enfoque) para a compreensão deste novo mundo do trabalho e da vida, cada um implicando outro nível de si que se desdobra. São eles: as novas (ou contemporâneas) tecnologias de informação e comunicação (TIC's) e o desdobramento destas na formação do ciberespaço e da cibercultura,

com suas implicações culturais, sociais e políticas; e a influência do movimento de Contracultura dos anos 60, momento de auge da crítica do capitalismo, como determinante para a reconfiguração da sociedade civil que se cristaliza na ascensão do que alguns autores chamam de “Novos Movimentos Sociais” (NMS). NTIC’s e NMS’s, Cibercultura e Contracultura.

II

Uma série de estudos recentes tem retomado a “teoria da dádiva” de Marcel Mauss (2003) para explicar fenômenos e dinâmicas do mundo contemporâneo¹⁴⁷. Há, inclusive, desde o começo dos anos 80, uma corrente que defende um novo paradigma para as ciências sociais baseado na teoria da dádiva e na obra de Mauss, o “movimento anti-utilitarista nas ciências sociais” (M.A.U.S.S.¹⁴⁸).

Mauss analisa em seu ensaio uma série de etnografias de povos ditos primitivos, assim como o direito de algumas civilizações e economias antigas. O conceito central aqui é o de reciprocidade. As trocas, seja de presentes, objetos, talismãs, mulheres, crianças, banquetes, se baseiam nessa lógica. A dádiva é formada pelo dar, receber e retribuir, um ciclo que, após iniciado, assume caráter de obrigatoriedade, sob risco de guerra. Através da dádiva, se formam laços, alianças, obrigações e deveres mútuos (no caso das relações de parentesco por ex.). Pode ser também uma forma de afirmação de poder, do lugar do clã (representado pelo chefe) nas hierarquias tribais, como no ritual do potlach, em que sacrifícios de bens e oferta de presentes “exorbitantes” servem para reafirmar as relações de poder e obrigações mútuas.

Godbout (1999) se propõe a retomar a exposição da dádiva como categoria explicativa exatamente onde Mauss teria parado, nos limiares da modernidade. Segundo Godbout, Mauss se mostra tímido em suas eventuais sugestões de aplicabilidade da categoria ao mundo moderno, não explorando seu pleno potencial. De fato, dentro do movimento M.A.U.S.S., o propósito é construir um terceiro paradigma de análise do social, superando a unilateralidade

¹⁴⁷ Sobre uma série de contribuições nesta linha, ver o dossiê da revista “Sociologias” sobre sociologia da dádiva. Renata Apgaua (2004) segue a mesma linha ao analisar o desenvolvimento do sistema Linux.

¹⁴⁸ Movimento centrado no periódico “Jornal do M.A.U.S.S.”, com versões francesa e ibero-latino americana. Ver também Alain Caillé (2002) e Jaques Goubout (1999).

tanto do paradigma que foca na lógica do mercado a explicação do social (com seu correlato do homem sempre calculista em suas escolhas), quanto do paradigma que foca no Estado e na política (com seu correlato do homem que age sempre sob a lógica do dever e do acúmulo de poder). Segundo a corrente do M.A.U.S.S., a idéia é demonstrar que antes da subjetividade vem a inter-subjetividade¹⁴⁹, e não o contrário, ou seja, a formação da personalidade única (pilar da nossa auto-compreensão moderna), mesmo em sua expressão calculista e/ou ciosa de poder, se dá a partir da rede intersubjetiva em que o indivíduo está inserido. O vínculo e as relações primárias continuam fundamentais e determinantes, e é a partir deles que o indivíduo se insere e se relaciona no ambiente de relações secundárias (mercado e Estado).

Godbout demonstra que a dificuldade de se pensar na dádiva como categoria explicativa também do mundo moderno se dá pelos mal-entendidos que a noção tem no senso comum. A natureza contraditória da dádiva (como uma gratuidade obrigatória) é estranha as nossas categorias dicotomias e excludentes comuns de pensamento. Assim, ou a ação é vista como totalmente interesseira e calculista, ou totalmente altruísta e gratuita, e esta última é que costumamos identificar como sendo típica da dádiva. Daí a dificuldade de crer na sua realidade, já que é difícil conceber uma ação totalmente altruísta e desinteressada.

Mas a dádiva não é nem só interesse, nem só altruísmo. É ambos. O importante na dádiva é o vínculo¹⁵⁰, mais do que o que é trocado¹⁵¹. A troca e os rituais de troca, seja nas sociedades ditas “primitivas”, seja nas modernas, são uma oportunidade de estabelecer e fortalecer laços, vínculos, alianças, assim como parcerias e redes: “[...] basta pensar que, na dádiva, o bem circula a serviço dos vínculos. Qualifiquemos de dádiva qualquer prestação de bem ou de serviço, sem garantia de retorno, com vistas a criar, alimentar ou recriar os vínculos sociais entre as pessoas.” (p.29)

III

¹⁴⁹ Essa linha se aproxima do pensamento de Norbert Elias (1994), em sua desconstrução da falsa oposição entre sociedade e indivíduo.

¹⁵⁰ Godbout chega a falar em “valor de vínculo”, para além do valor de uso ou de troca.

¹⁵¹ O que já era teorizado por Lévi-Strauss em seu resgate da teoria da dádiva e da noção de reciprocidade de Mauss para explicar o que chama de “sistemas de torça generalizada”, e os sistemas de parentesco dentro destes (Lévi-Strauss, 2009).

A rede “Circuito Fora do Eixo” é ao mesmo tempo um circuito cultural e um novo tipo de movimento social. Pauta-se no amplo uso das NTIC, em um engajamento militante, na construção de redes de reciprocidade, na defesa de um estilo de vida alternativo e de idéias inovadoras e progressistas. Cibercultura, engajamento, reciprocidade, afetividade, se mesclam em uma rede de proteção ontológica ante a fluidez e a incerteza de sua atividade e de uma inserção precária no mundo do trabalho.

Em outros artigos esbocei um histórico sucinto do Fora do Eixo (GRILLO, 2014a) e defini a rede como uma rede de militância laboral (GRILLO, 2014b), na qual trabalho e militância são instâncias indistintas, tendo como horizonte os desdobramentos contemporâneos que erodem as fronteiras entre tempo de trabalho e tempo de lazer (sob a lógica do trabalho imaterial). Neste artigo, desenvolvo a compreensão de um outro aspecto da rede, entendendo-a também como uma rede afetivo-laboral, pautada no que chamam de “sistematização da brodagem”, ou seja, na construção e fortalecimento de laços e redes de reciprocidade, nas quais se trocam experiências, conselhos, esporros, serviços, hospedagem, produções e afetos. Os encontros e vivências “offline” reafirmam e fortalecem os laços, mantidos pela constante articulação e contato “online”, no qual o apoio (emocional e laboral), a identidade, a organização das atividades e o “valor de vínculo” têm um suporte constante

Concluo com a confluência destes dois pretensiosos esforços de construção conceitual, propondo a compreensão da rede Fora do Eixo como um grande laboratório no qual desembocam uma série de processos e tendências contemporâneas, formando uma rede de “militância afetivo-laboral”, que, em sua vivência cotidiana e na indistinção entre trabalho e lazer, se afirma como uma família, um novo tipo de família, uma família 2.0.

BIBLIOGRAFIA

APGAUA, Renata. “O Linux e a perspectiva da Dádiva”. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 10, n° 21.

BOLTANKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. 2009. O novo espírito do capitalismo. São Paulo: Martins Fontes.

CASTELS, Manuel. 1999. A Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra.

- CAILLÉ, Alain. 2002. Antropologia do dom: o terceiro paradigma. Petrópolis: Vozes.
- ELIAS, Norbert. 1994. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Zahar.
- GODBOUT, Jacques. 1999. O espírito da dádiva. Rio de Janeiro: FGV.
- GORZ, André. 1987. Adeus ao proletariado: para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense.
- GORZ, André. 2005. O imaterial: conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume.
- GORZ, André. 2007. Metamorfoses do trabalho. São Paulo: Annablume.
- GRILLO, André. 2014a. Cultura, Arte e trabalho imaterial: a Produção Cultural e as mudanças no mundo do trabalho. Anais da III Jornada de Ciências Sociais da UFJF.
- GRILLO, André. 2014b. A militância laboral e a cibercultura: Produtores ativistas no ciberespaço. Anais do III Seminário fluminense de sociologia.
- LAZZARATO, Maurício. 2006. As revoluções do capitalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 2009. As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis: Vozes.
- MAUSS, Marcel. 2003. “Ensaio sobre a dádiva”. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naif.
- NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. 2001. Império. Rio de Janeiro: Record.
- NEGRI, Antonio; COCCO, Giuseppe. 2005. Glob (AL): Biopoder e luta em uma América Latina globalizada. Rio de Janeiro: Record.
- SENNET, Richard. 2008. A Cultura do Novo Capitalismo. Rio de Janeiro: Record.
- SENNET, Richard. 2012. Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação. Rio de Janeiro: Record.